

A COISA
TERRÍVEL
que aconteceu
com
BARNABY
BROCKET

JOHN BOYNE



Ilustrações
Oliver Jeffers

Tradução
Érico Assis

Copyright do texto © 2012 by John Boyne
Copyright das ilustrações © 2012 by Oliver Jeffers

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Terrible Thing that Happened to Barnaby Brocket

Preparação

Paula Marconi de Lima

Revisão

Ana Luiza Couto

Thaís Totino Richter

Composição

Natália Yonamine

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyne, John

A coisa terrível que aconteceu com Barnaby Brocket /
John Boyne ; ilustrações Oliver Jeffers , tradução Érico Assis. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2013.

Título original: The Terrible Thing that Happened to
Barnaby Brocket

ISBN 978-85-7406-601-1

1. Ficção irlandesa I. Jeffers, Oliver. II. Título.

13-08532

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

1. UMA FAMÍLIA PERFEITAMENTE NORMAL, 9
2. O COLCHÃO NO TETO, 19
3. BARNABY, A PIPA, 30
4. O MELHOR DIA DA VIDA DE BARNABY ATÉ ENTÃO, 42
5. O MÁGICO NA PONTE, 54
6. A COISA TERRÍVEL QUE ACONTECEU NA CADEIRA DE MACQUARIE, 67
7. APROXIMAÇÃO VIA NOROESTE, 81
8. A FAZENDA DE CAFÉ, 92
9. ENFIM ALGUMA COISA PARA LER, 100
10. O PIOR JEREMY POTTS DE TODOS OS TEMPOS, 109
11. O PRÍNCIPE DOS COTONETES, 114
12. NASCE UMA ESTRELA, 124
13. PEQUENA MISS KIRRIBILLI, 134
14. A FOTOGRAFIA NO JORNAL, 140
15. O INCÊNDIO NO ESTÚDIO, 149
16. A PEQUENA BALINHA QUE CAUSOU O GRANDE PROBLEMA, 157
17. O CARTÃO-POSTAL QUE CHEIRAVA A FRANGO, 168
18. A MONSTROADA, 172
19. A LIBERTAÇÃO DOS MONSTROS, 184
20. A LISTA DE DESEJOS DE STANLEY, 194
21. VINTE MIL LÉGUAS SUPRATMOSFÉRICAS, 202
22. A CAMINHADA PELO ESPAÇO, 212
23. TUDO QUE ELES FALARAM É VERDADE, 220
24. SEJA LÁ O QUE FOR NORMAL, 234
25. AQUELA SENSÇÃO FAMILIAR DE FLUTUAR, 242
26. A CIDADE MAIS MAGNÍFICA DO MUNDO, 253

1. UMA FAMÍLIA PERFEITAMENTE NORMAL

Esta é a história de Barnaby Brocket. E, para entender Barnaby, primeiro você precisa entender os pais dele: duas pessoas que tinham tanto medo de gente diferente que acabaram fazendo uma coisa terrível, com consequências aterradoras para todos que amavam.

Vamos começar pelo pai de Barnaby, Alistair, que se achava um homem totalmente normal. Levava uma vida normal, numa casa normal, num bairro normal, onde fazia coisas normais, do jeito normal. Sua esposa era normal, assim como seus dois filhos.

Alistair não tinha tempo a perder com pessoas não normais ou que fossem espalhafatosas. Quando estava no metrô e um grupo de adolescentes começava a falar muito alto, esperava chegar à parada seguinte, saltava e mudava de vagão antes que as portas voltassem a fechar. Quando jantava em restaurantes — não num desses restaurantes chiques de cardápio e comida complicados, um normal —, se irritava com os garçons que vinham cantar “Parabéns a você” para algum freguês querendo chamar a atenção.

Ele trabalhava como advogado na firma Bother & Blastit, que ficava na cidade mais magnífica do mundo — Sydney, na Austrália —, e era especializado em testamentos: a lúgubre ocupação na qual se encaixava com perfeição. Afinal, preparar testamentos era uma coisa perfeitamente normal. Nada de estranho. Recebia clientes um pouco nervosos no escritório, visto que essa tarefa podia ser enervante e complexa para eles.

— Por favor, não fique nervoso — dizia Alistair nessas ocasiões. — Morrer é perfeitamente normal. Algum dia nós todos temos que morrer. Imagine que horrível seria se todos vivêssemos para sempre. O planeta viria abaixo de tanto peso.

Isso não quer dizer que Alistair desse muita bola para o bem-estar do planeta, pois não dava. Só os hippies e os tipinhos *new age* davam bola para essas coisas.

Algumas pessoas, principalmente as que vivem no Oriente, acreditam que cada um de nós — inclusive você — é uma metade de um casal que foi dividido antes do nascimento. E, nesse vasto e complexo universo onde passamos a viver, iniciamos uma busca pela nossa metade perdida, aquela que pode nos fazer sentir completos outra vez. Até esse dia chegar, ficamos meio baixo-astral. Às vezes, encontramos essa completude em alguém que, à primeira vista, parece ser o oposto do que somos. Um homem que aprecia arte e poesia, por exemplo, pode se apaixonar por uma mulher que passa as tardes com graxa até os cotovelos. Uma mulher que aprecia alimentação saudável e esportes ao ar livre pode se sentir atraída por um rapaz que só quer

mesmo é assistir a esses esportes no conforto de sua sala de estar, com uma cerveja numa mão e um sanduíche na outra. Enfim, tem gente para todos os gostos. Mas Alistair Brocket sabia que nunca dividiria sua vida com alguém que não fosse tão normal quanto ele, muito embora essa fosse a coisa perfeitamente normal a fazer.

E isso nos leva à mãe de Barnaby, Eleanor.

Eleanor Bullingham cresceu em Beacon Hill, numa casa pequena com vista para as praias do norte de Sydney. Ela sempre foi a queridinha de seus pais por ser, indiscutivelmente, a menina mais comportada de toda a vizinhança. Ninguém chegava aos seus pés. Ela nunca atravessava a rua sem ver o sinal verde de pedestres, mesmo que não houvesse carro algum à vista. Levantava-se para dar seu lugar aos idosos no ônibus, mesmo que houvesse dezenas de assentos vazios. Na verdade, ela era uma menininha tão educada e polida que, quando sua avó Elspeth faleceu e deixou para ela uma coleção de cem lenços com suas iniciais, EB, cuidadosamente bordadas, ela decidiu que um dia se casaria com um homem cujo sobrenome também começasse com B, assim sua herança não seria desperdiçada.

Como Alistair, Eleanor virou advogada. Especializou-se em imóveis, área que, como sempre respondia, achava espantosamente interessante.

Aceitou uma vaga na Bother & Blastit quase um ano depois do futuro marido. No início, ficou levemente decepcionada ao passar os olhos pela firma e verificar que os vários funcionários e funcionárias do local comportavam-se de maneira bem pouco profissional.

Eram poucos os que conservavam suas mesas em condições que se poderia chamar de asseadas. As mesas eram cobertas de fotos de familiares, animais de estimação ou, pior, celebridades. Os homens rasgavam copinhos plásticos enquanto conversavam pelo telefone, falando alto e deixando uma bagunça para os outros limparem. As mulheres pareciam comer o dia todo e compravam lanchinhos de um carrinho que reaparecia de poucas em poucas horas carregado de doces em pacotinhos coloridos. Sim, esse era o comportamento normal segundo os padrões atuais de normalidade, mas ainda assim não era o normal, *normal*.

No início de sua segunda semana, ela teve que ir até outro departamento para entregar um documento importantíssimo a um colega que precisava dele imediatamente — ou o mundo ia parar de rodar. Ao abrir a porta, Eleanor tentou não reparar nos indícios de desordem e sordidez diante de si, de forma que não tivesse vontade de vomitar todo seu café da manhã. Mas, para sua surpresa, ela viu algo — ou alguém — que fez seu coração dar um pequeno salto, absolutamente inesperado, como um filhote de gazela triunfante por saltar um riacho pela primeira vez.

Sentado numa mesa de canto, com pilhas de papel perfeitamente organizadas por cor diante de si, estava um jovem deveras bem-apegoado que vestia terno de risca de giz e exibia cabelos cuidadosamente repartidos. Diferentemente dos animais semidomesticados que trabalhavam ao seu redor, sua mesa estava arrumada, seus lápis e canetas haviam sido ordenados em um porta-lápis muito útil e os documentos em que trabalhava estavam dispostos à sua

frente da forma mais eficiente. Não se viam fotos de crianças, de cães nem de celebridades.

— Aquele moço... — perguntou Eleanor à garota da mesa mais próxima, que se entupia de muffin de banana e deixava o farelo cair entre as teclas do computador, onde se perderia para sempre. — Aquele ali no canto. Qual é o nome dele?

— Está falando do Alistair? — respondeu a garota, passando os dentes pela parte interna da embalagem para não desperdiçar o recheio. — O homem mais entediante do universo?

— Qual é o sobrenome dele? — ela perguntou, esperançosa.

— Brocket. Horrível, né?

— É perfeito — disse Eleanor.

E assim eles se casaram. Era o normal a fazer, principalmente depois que foram juntos ao cinema (três vezes), à sorveteria mais próxima (duas vezes), a uma danceteria (apenas uma vez; nenhum dos dois gostou — agitada demais, muito rock'n'roll) e numa excursão de um dia ao Luna Park. Lá tiraram fotografias e conversaram agradavelmente até o sol se pôr e as luzes que piscavam no rosto gigante do palhaço o deixarem ainda mais assustador do que já era.

Exatamente um ano depois do feliz casamento, Alistair e Eleanor, que agora moravam numa casa normal em Kirribilli, na Baixa Costa Norte, deram as boas-vindas a seu primeiro filho, Henry. Ele nasceu numa manhã de segunda-feira às nove horas em ponto, pesando precisamente três quilos e sorrindo educadamente para o obstetra, tudo depois de um

trabalho de parto bem curto. Eleanor não chorou nem gritou enquanto dava à luz, diferente das mulheres vulgares cujas estripulias poluíam os canais de TV todas as noites. Aliás, o nascimento foi extremamente refinado, muito bem organizado e de bom-tom, sem causar incômodo a pessoa alguma.

Assim como seus pais, Henry era um garoto muito comportado, que tomava a mamadeira assim que lhe era oferecida, comia todas as refeições e ficava aflito sempre que sujava a fralda. Cresceu em ritmo normal, tendo aprendido a falar aos dois anos e começado a entender as letras do alfabeto um ano depois. Aos quatro, a professora do jardim de infância disse a Alistair e Eleanor que não tinha nada de bom nem mau para relatar sobre o menino, pois ele era perfeitamente normal em todos os sentidos. Naquela tarde, ao voltar para casa, Henry ganhou um sorvete como prêmio. De creme, é claro.

A outra filha, Melanie, nasceu numa terça-feira três anos depois. Assim como o irmão, não deu trabalho nem a enfermeiras nem a professores. Quando fez quatro anos e seus pais estavam à espera de um novo bebê, ela já passava a maior parte do tempo sozinha em seu quarto, lendo ou brincando com bonecas, sem fazer nada que a singularizasse ou diferenciasse de qualquer criança que morava naquela rua.

Não havia dúvidas: a família Brocket era provavelmente a mais normal de New South Wales, senão de toda a Austrália.

Foi então que nasceu o terceiro filho.

Barnaby Brocket veio ao mundo numa sexta-feira à meia-noite. O problema já começou por aí: Eleanor estava

preocupada porque ia atrapalhar o horário de sono do médico e das enfermeiras.

— Peço sinceras desculpas pelo que está acontecendo — disse ela, transpirando profusamente, o que era vergonhoso. Eleanor não havia transpirado uma gota quando Henry e Melanie nasceram; ficara apenas levemente corada, como ficam as lâmpadas de quarenta watts em seus momentos finais.

— Não é problema algum, sra. Brocket — disse o dr. Snow. — São as crianças que dizem quando querem chegar. Não temos como controlar esse tipo de coisa.

— Mesmo assim é inconveniente — disse Eleanor, antes de soltar um tremendo grito; Barnaby decidiu que seu momento havia chegado. — Virgem Santa — acrescentou, o rosto vermelho de tanto esforço.

— Não há motivo para se preocupar, mesmo — insistiu o médico, preparando-se para pegar a criança escorregadia. Parecia um jogador de rúgbi assumindo sua posição no jogo: um pé firme para trás na grama, o outro à frente fazendo pressão sobre o solo, as duas mãos estendidas aguardando o prêmio que seria arremessado em sua direção.

Eleanor gritou de novo, então curvou-se para trás, ofegante e surpresa. Sentiu uma pressão imensa crescendo dentro de seu corpo e não sabia ao certo por mais quanto tempo conseguiria suportar.

— Força, sra. Brocket! — disse o dr. Snow, e Eleanor gritou pela terceira vez fazendo o máximo de força que podia. Uma enfermeira passava compressa fria sobre sua testa. Mas, em vez de se acalmar, ela começou a berrar mais alto e proferiu uma palavra que nunca havia dito em

toda a sua vida, palavra que considerava extremamente ofensiva toda vez que era empregada por alguém na Bother & Blastit. Era uma palavra curta. Duas sílabas. Mas expressava exatamente tudo que ela estava sentindo naquele momento em particular.

— É isso mesmo — gritou o dr. Snow, animadíssimo. — Lá vem ele! Um, dois, três, mais uma forcinha, a última, tudo bem? Um...

Eleanor inspirou.

— Dois...

Expirou.

— Três!

E então veio a extraordinária sensação de alívio e o choro do bebê. Eleanor despencou na cama e gemeu, feliz por aquela tortura ter chegado ao fim.

— Minha Virgem Santa — disse o dr. Snow um instante depois, e Eleanor ergueu a cabeça do travesseiro, surpresa.

— O que houve? — perguntou ela.

— É extraordinário — disse o médico, enquanto Eleanor se sentava, apesar da dor, para ver melhor o bebê que provocava uma reação tão anormal.

— Mas onde ele está? — perguntou ela, uma vez que Barnaby não estava nos braços do dr. Snow nem na ponta da cama. Foi então que ela notou que nem médico nem enfermeiras estavam olhando para ela, mas fitavam boquiabertos o teto, onde um bebê recém-nascido — o recém-nascido *dela* — estava encostado nos azulejos brancos, sorrindo atrevidamente para os quatro logo abaixo.

— Está lá em cima — respondeu o dr. Snow, estupefato.



o nascimento de BARNABY

E era verdade: estava mesmo. Barnaby Brocket, terceiro filho da família mais normal que já vivera no hemisfério Sul, estava provando ser tudo menos normal, pois recusava-se a obedecer à mais fundamental das regras.

A lei da gravidade.